



A ESCRITA DA MEMÓRIA EDUCATIVA NA FORMAÇÃO DOCENTE: O SABER INCONSCIENTE QUE NÃO SE SABE, MAS QUE SE DÁ A CONHECER¹

Jailson Lima Ferreira ²

Iumê Colombo Santos ³

Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida ⁴

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar a possível implicação entre escrita da Memória Educativa, constituição da subjetividade de professores e formação docente. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário on-line, elaborado com base na espiral de construção da Memória Educativa atravessada pela Psicanálise. Participaram quatro docentes, identificados por pseudônimos: Ana, Abaporu, Éder e Lisa. O processo da escrita de si pode provocar o comparecimento de saberes conscientes, mas também inconscientes, ou seja, um saber que não se sabe, mas que se dá a conhecer. A escrita da Memória Educativa pode ser um dispositivo relevante na formação continuada de professores, pois permite revisitar experiências marcantes que influenciam práticas pedagógicas, valores e modos de se relacionar com os estudantes. A professora Ana narrou vivências de ausência do acolhimento escolar, revelando um modelo tradicional que ignorava singularidades discentes. A professora Abaporu destacou seu envolvimento afetivo com os alunos, refletindo uma postura docente implicada no cuidado e no respeito às diferenças dos educandos. O professor Éder relatou que sua escolha pela docência foi inspirada por professores marcantes, demonstrando o papel do vínculo afetivo na motivação profissional. A professora Lisa compartilhou que sua capacidade era sempre questionada, fazendo com que hoje sempre acredite e valorize o potencial de cada estudante. As narrativas analisadas sob os três Eixos Temáticos a) desamparo e alteridade, b) transmissão e desejo, c) trauma e o discurso da exclusão indicaram que revisitá-las e refletir sobre essas memórias ampliam a compreensão do papel docente, fortalecem a identidade profissional e favorecem uma prática mais sensível às complexidades e singularidades dos sujeitos. Consideramos que a Memória Educativa, ao articular passado e presente, constitui um dispositivo formativo singular capaz de promover um (re)olhar nas trajetórias, levando os professores a um maior entendimento sobre a posição que ocupam.

Palavras-chave: Memória Educativa, Subjetividade docente, Formação continuada.

¹ O presente artigo compõe ação derivada do projeto de pesquisa **Memória Educativa como dispositivo de pesquisa: da criação ao percurso investigativo**, do grupo de pesquisa Educação, Ecologia Humana e Transdisciplinaridade, <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogruo/9777183924108248>; Foi financiado pelo Edital de Chamada Interna nº 19/2025 do PPGE/UnB de Apoio Financeiro ao Pesquisador (discente).

² Mestrando em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília – DF, jailsonlima.edu@gmail.com;

³ Mestranda em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília – DF, iumeocolombo@gmail.com;

⁴ Professora orientadora: Doutora em Psicologia (IP/UnB) e Pos-doutorado (FEUSP), Pesquisadora Colaboradora Sênior PPGE / Faculdade de Educação, da Universidade de Brasília – DF, inesmmpiresde@gmail.com;

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo investigar a possível implicação entre escrita da Memória Educativa, constituição da subjetividade de professores e formação docente. Esta pesquisa está inserida dentro dos estudos psicanalíticos no campo da educação, considerando os limites e alcances (im)possíveis entre as duas áreas. Compreendemos a relevância da Psicanálise ao possibilitar um novo olhar que subverte e rompe as certezas do discurso pedagógico, tecendo espaços de reflexões sobre o sujeito do inconsciente que pode comparecer nos atores sociais envolvidos na escola.

No livro *Análise terminável e interminável*, Freud (1987 [1937], p. 184) apresenta os três ofícios impossíveis: educar, curar e governar. As três práticas são impossíveis não porque não aconteçam, mas porque não podemos garantir resultados satisfatórios sempre. Os desafios são inerentes a todas as profissões e a impossibilidade educacional acontece ao lidar com a instância do inconsciente que, por sua vez, não é controlada e nem totalmente conhecida. A sala de aula é um ambiente complexo que envolve conflitos, emoções, desejos e resistências que fogem ao controle do docente.

A partir dessa noção, a educação é concebida como não-toda e não é totalmente acessível aos desejos e intenções dos educadores. Lajonquière (2010, p. 76), afirma que “a educação não se processa no sempre sonhado “preto no branco” pedagógico: ela conjuga-se num leque de cinzas”. Ou seja, para responder às questões da educação não existe um único caminho preto ou branco, e sim vários caminhos – leque de cinzas.

É na tentativa de solucionar os desafios da educação que o discurso pedagógico dominante criou/cria métodos e técnicas para elucidar as questões da educação, esquecendo-se de abranger a complexidade dos sujeitos que nela estão envolvidos. A partir das ideias do autor, entende-se que a educação sempre promoveu modelos pedagógicos prontos, pré-formatados, em que supostamente alunos e professores deveriam se encaixar. Ao desconsiderar as nuances intrínsecas ao sujeito e que sua constituição é singular, tais pessoas não cabem em um modelo pronto. Tendo ciência das subjetividades envolvidas no ato de educar, Lajonquière (2010) propõe uma ressignificação metodológica. Segundo o autor, uma educação de qualidade só seria possível se essa abarcasse as complexidades dos sujeitos envolvidos.

No entanto, “na universidade ensina-se em nome de um saber conscientemente formulado ou que se pretende formular, sobre o objeto, preferencialmente sem a presença e interveniência do sujeito da pesquisa” (Maesso; Lazzarini; Chatelard, 2019, p. 115). Adotar um olhar mais sensível aos sujeitos permite compreender os fenômenos de forma mais profunda, uma vez que, na leitura psicanalítica o inconsciente comparece e com ele ainda que de uma outra ordem, também os desejos, angústias, motivações, medos. No sentido de enriquecer a pesquisa científica com uma presença mais ativa dos sujeitos que dela participam, apresentamos a seguir um dispositivo de pesquisa.

A Memória Educativa enquanto dispositivo (Almeida, 2012; Bittencourt *et al.*, 2021) tem contribuído significativamente para as pesquisas inseridas nos estudos psicanalíticos no campo da educação. A escrita da Memória Educativa dos sujeitos pesquisados (professores) evoca suas memórias em relação a sua história de vida e a sua trajetória formativa. Para a Psicanálise o sujeito psíquico é dividido em enunciado (consciente) e enunciação (inconsciente), ou seja, o nó central de pesquisa, escrita e inconsciente são indissociáveis: “a chave da memória”.

A memória educativa sobre a qual nos debruçamos neste artigo teve origem no *Programa de Aperfeiçoamento de Professores de Ensino Médio*, oferecido pela Universidade Aberta do Distrito Federal em 1998. As professoras Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida e Maria Alexandra Militão Rodrigues criaram um percurso de formação continuada para professores de ciências exatas intitulado “Módulo Comum: imersão no processo educativo das Ciências e da Matemática”. Um dos passos desse percurso formativo era a escrita da Memória Educativa - ainda sem o aporte da psicanálise.

A professora Inês Maria M. Z. P de Almeida aprofundou a Memória Educativa em sua Tese de Doutorado (2001), ressignificando-a com a subversão da Psicanálise e posteriormente, em seu pós-doutorado, reconhecendo a Memória Educativa como dispositivo de pesquisa. Desde o início dos anos 2000, a referida professora tem contribuído com orientação de dissertações e teses no campo Psicanálise e Educação, que hoje já somam mais de 41 trabalhos (Lara; Oliveira; Borges, 2024). A maioria conta com o dispositivo da memória educativa e tem fomentado debates importantes para a formação inicial e continuada de professores em diversos artigos, livros e capítulos (Almeida; Bareicha; Squarisi, 2018; Borges, 2023; Santos, 2024).

Os estudos evidenciam que o dispositivo de pesquisa Memória Educativa considera o saber consciente, mas também o saber inconsciente, colaborando para a compreensão da subjetividade docente. Ao discorrer sobre a escrita de si, Lazzarini afirma que “o saber inconsciente aparece nas brechas, nas entrelinhas, que escapam a toda intenção do dizer e justamente por isto é um saber que não se sabe, mas que se dá a conhecer” (Lazzarini, 2011, p. 45).

O desejo de escrever sobre as memórias educativas surge a partir do contato com as disciplinas “Memória Educativa e Constituição da Subjetividade Docente” e “Teorias Psicanalíticas: de Freud à Lacan”, ofertadas pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) e pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPGPsICC), respectivamente, na Universidade de Brasília, no 2º semestre de 2024.

Também, a partir do desejo de compreender a motivação dos sujeitos que escolhem se tornar professores, que muitas vezes não é conscientemente expresso, podendo ser vislumbrado a partir da escrita da memória educativa. Assim como entender suas trajetórias formativas e de vida, que os levaram a tal decisão. Visto que, segundo Voltolini (2011, p. 31-32):

Alguém que escolheu ser professor (o mesmo vale para qualquer outra profissão) não chegou a essa decisão por acaso, mesmo se acredita ter feito sua opção sem muita reflexão, já que contam numa escolha profissional não só motivações conscientes, mas também fantasias inconscientes. Pesaré, certamente, seja em sua decisão, seja no estilo que esse professor adotará em sua prática docente, a influência recebida dos vários professores que teve. Com isso, pode ser que um aluno conte com a simpatia gratuita de um professor por representá-lo narcisicamente, lembrando-lhe o aluno que ele mesmo foi no passado; e outro conte com sua antipatia, por lembrar-lhe o irmão mais velho que só caçoava dele *etc.* (Voltolini, 2011, p. 31-32).

De acordo com o autor, não escolhemos uma profissão por acaso. De fato, ao termos a experiência de escrevermos as nossas próprias Memórias Educativas na disciplina do PPGE e do PPGPsICC, tivemos, a partir do aporte psicanalítico, um (re)olhar sobre nossa trajetória educativa, resgatando memórias desde a infância até o período atual em que vivemos. Esse processo de escrita de si permite-nos compreender que “as experiências infantis se inscrevem



no “vir a ser” e, *a posteriori*, podem determinar, inclusive, “escolhas” futuras, como aquelas de ordem profissional” (Santos, 2024, p. 61).

O SUJEITO DO INCONSCIENTE E AS MEMÓRIAS EDUCATIVAS

O ato de escrever nossa memória educativa obriga o sujeito a se inscrever na narrativa. Segundo Kehl:

Pensamos nossas trajetórias de vida como se fossem romances, com começo, meio e fim articulados por alguma lógica, e algum sentido revelado no “capítulo” final. Consequentemente, pensamos a nós mesmos como personagens dessa história. Personagens da escrita de alguém. Nesse caso, quem seria o autor? Caso não reconheçamos a parceria (obrigatória) com o Outro, e não seríamos o que somos se reconhecêssemos, tendemos a pensar que o autor somos nós (Kehl, 2001, p. 62).

A partir das ideias de Lacan, Fink (1998 [1956], p. 20), aponta que desde antes do nosso nascimento estamos inseridos no universo linguístico dos nossos pais que há muito vem sendo preparado para nossa chegada. Dessa forma, somos obrigados a aprender a língua falada por nossos pais e a expressarmos nossos desejos através de palavras. Nesse processo, a linguagem molda o nosso desejo, uma vez que busca preencher o vazio do desejo inarticulado e a articulação do desejo.

As primeiras inscrições que ocorrem na vida do sujeito por meio do toque e do olhar produzem marcas, tais marcas levam à transformação do ser humano de objeto em sujeito. Esse é o processo de humanização, por meio do qual o sujeito adquire sua singularidade, como, por exemplo, o nome próprio.

Esse sujeito vai se constituir por meio da linguagem com o Outro, de modo que quando escrever sobre si, as marcas deixadas pelo Outro e sua subjetividade comparecerão. A escrita de uma memória nunca estará acabada, pois o ser humano está constantemente deixando e recebendo marcas nas trocas com o mundo. É por meio do discurso humano que absorvemos os desejos e opiniões das pessoas, configurando a máxima lacaniana de que o inconsciente é o discurso do Outro (Fink, 1998 [1956], p. 27). De acordo com Santos (2024, p. 53):

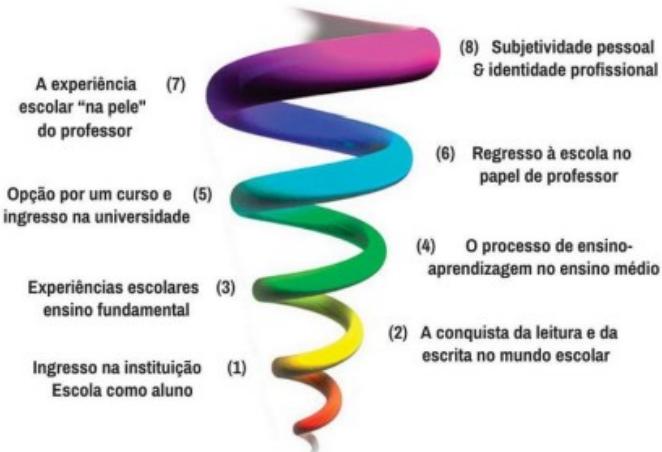
Para além do texto manifesto - do enunciado (consciente) -, por meio da fala e da escrita o sujeito da enunciação (inconsciente) pode comparecer: ao escrever e falar de/sobre si o sujeito do desejo inconsciente se mostra e se esconde, alternadamente, deixando escapar pelas fissuras da linguagem possíveis “traços e marcas mnêmicas” que permeiam a subjetividade e identidade docente e discente (Santos, 2024, p. 53).

A Memória Educativa resgata o nosso passado ao mesmo tempo em que nos reconhecemos na nossa própria história. Nesse contexto, a memória educativa, quando aplicada em pesquisas em educação, permite ao pesquisado evocar/manifestar suas próprias memórias (in)conscientemente. Essa brecha do inconsciente é o que torna a memória um dispositivo, pois não é uma escrita qualquer, e sim uma escrita realizada e lida a partir do olhar da psicanálise que contempla o universo da subjetividade.

CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Por meio da pesquisa qualitativa que contempla o universo dos significados e da subjetividade, realizamos a coleta das memórias educativas por meio de um questionário *online*. Foram formuladas algumas perguntas norteadoras para auxiliar/inspirar os participantes a escreverem a memória educativa com base na espiral de Bittencourt *et al.* (2021, p. 9):

Figura 1: Processo Norteador de Construção da Memória Educativa



Fonte: Bittencourt *et al.* (2021, p. 9). Inspirado no Módulo Comum. Imersão no Processo Educativo das Ciências e da Matemática. Programa de Aperfeiçoamento de Professores de Ensino Médio (Pró-Ciências 1997- 1998), Universidade Aberta do Distrito Federal - UNAB, Brasília, Brasil.





Inspirados pela espiral de construção metodológica da Memória Educativa, elaboramos algumas perguntas instigadoras para professores atuantes de escolas públicas do Distrito Federal (DF). A partir dessas perguntas, os participantes escreveram de forma livre uma narrativa compartilhando suas memórias e refletindo sobre suas histórias com a educação. Segundo os princípios éticos da pesquisa, garantimos o anonimato dos participantes. Cada um

assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), concordando em participar da pesquisa e com a divulgação dos resultados. Pedimos que cada docente escolhesse um pseudônimo para identificá-lo na pesquisa. No quadro abaixo apresentamos informações relevantes de cada docente:

Quadro 1: Perfil dos professores participantes

Pseudônimo	Idade	Formação	Cidade em que atua no DF	Tempo de serviço/ano
Lisa	50	Pedagogia	Sobradinho	30
Ana	37	Letras e Pedagogia	Samambaia Norte	8
Éder	22	Letras	Recanto das Emas	1
Abaporu	41	Física	Samambaia Norte	26

Fonte: Elaborado pelos autores.

A análise dos dados foi realizada com base na Análise de Conteúdo de Bardin (2011), com a adaptação das categorias em Eixos Temáticos mais amplos por favorecerem a abertura interpretativa e a não fixação dos sentidos. São eles: a) desamparo e alteridade; b) transmissão e desejo; c) trauma e o discurso da exclusão.

MEMÓRIAS EDUCATIVAS E A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE DOCENTE

As narrativas apresentadas a seguir permitem que os sujeitos tenham um processo de “(re)olhar a própria caminhada e se (re)posicionar subjetivamente diante dos eventos históricos e experiências que marcaram positiva e/ou negativamente” (Santos, 2024, p. 54).



Nesse sentido, apresentamos o primeiro eixo temático que diz respeito ao desamparo e à alteridade.

A professora Abaporu relatou: “Entrei na escola com 5 anos, e tive muita dificuldade para conseguir ler por conta do TDAH, lembro que conseguia ler com tranquilidade por volta dos 7 anos”. A professora Ana relata que era de uma família desestruturada e em função disso faltava muitas aulas. Porém, a escola não realizava nenhuma intervenção, sem buscar entender

o motivo de suas ausências: “O ensino [fundamental] era bem tradicional e não se falava em inclusão ou tolerância com quem apresentava alguma dificuldade de aprendizagem. Nossa vida pregressa ou relações familiares não pareciam importar” (Professora Ana).

Percebe-se na fala das professoras que a escola desconsiderava as subjetividades dos estudantes, aspecto problematizado por Lajonquière (2010) no âmbito do processo educacional, visto que defende a necessidade de considerar as complexidades e singularidades dos sujeitos envolvidos. A falta de suporte e intervenção da escola para lidar com o contexto pessoal e social de Abaporu e Ana revela a condição biológica e psíquica do ser humano: o desamparo. Para elucidá-lo, Freud usa o exemplo do lactante dizendo: “No desamparo biológico do lactante, a criança não pode satisfazer as suas necessidades vitais por si própria e está dependente do auxílio de outra pessoa, o que cria a primeira situação de perigo” (Freud, 2014 [1926], p. 86-87).

Ou seja, é o desamparo que causa vulnerabilidade na vida dos sujeitos e precisa de um Outro para trazer amparo. No caso de Ana e a Abaporu, o conceito pode ser lido com o olhar da psicanálise para o fato de que as professoras dependiam de ações da escola para atenuar os desafios vivenciados e não tiveram o suporte necessário. A escola, ao ignorar a alteridade dos estudantes, deixou os sujeitos entregues ao desamparo, o que marcou suas memórias educativas.

Quando nos remetemos às marcas, não podemos deixar de destacar a dinâmica da transferência e do desejo. Além da troca de conteúdos escolares, na sala de aula acontece a transmissão de sentimentos positivos ou negativos, produtos da dinâmica da transferência (Freud, 2010 [1912], p. 105). A transmissão carrega consigo as crenças, os valores e o desejo do Outro.



O professor Éder, ao discorrer sobre quem o inspirou à profissão docente e se sempre teve certeza disso, narra que: “Não exatamente certeza, mas no 1º ano do Ensino Médio tive a ideia de ser professor. Diria que professores incríveis que tive pela trajetória da educação básica me inspiraram”. A professora Abaporu revela que nunca quis ser professora: “A minha mãe me incentivou a fazer o magistério para que eu tivesse um emprego para pagar a faculdade, mas depois que comecei, nunca mais parei”. Ou seja, Abaporu atendeu ao desejo de sua mãe, apropriando-o para si mesma, a partir do momento em que vivencia a docência e segue a carreira há mais de 26 anos. Já Éder escolhe ser professor por conta do laço transferencial identificatório com seus professores da educação básica.

A relação transferencial de Lisa e Ana, enquanto professoras atuantes em escolas do DF, também revela a existência de um laço afetivo. Isso ocorre nos sentimentos de empatia e no respeito à história de cada estudante que as professoras empregam na sua prática docente atualmente. Abaporu conta que o que a motiva é: “Ver um aluno com dificuldades se superar e evoluir no conteúdo e em sua maturidade”. Ana relata que acha “importante a ideia de que inspirei e ajudei muitas pessoas nessa jornada. Tento sempre fazer o que não fizeram por mim”:

ter empatia e respeitar a história de cada um”. Lisa, por sua vez, compartilha: “Adoro quando sei que dei uma boa aula; quando vejo o reconhecimento dos alunos e pais; quando vejo meu aluno bem-sucedido na vida, com emprego ou feliz por ter me visto ou recordando algo positivo que tenha realizado por ele”.

Ainda em consonância com Lajonquiére (2010) sobre considerar as singularidades dos estudantes, a professora Abaporu relata sobre suas angústias no exercício docente: “É se dedicar dentro e fora do ambiente de trabalho, é se preocupar com um aluno como se fosse seu filho, é fazer vaquinha para ajudar os alunos com alimentos, roupas e materiais de higiene, é respeitar o aluno em suas limitações.” A preocupação da professora mostra um laço de transferência marcado pelo afeto e cuidado com seus estudantes, já que a sala de aula é um ambiente complexo que ultrapassa a mera transmissão de conteúdo. E ainda, demonstra que a professora, consciente de sua história com a educação, assume o compromisso de não reproduzir o descaso que sofreu na escola quando era aluna.

Todas as narrativas demonstram que algo do passado escolar das professoras ressoa no Eu professor. Ana também compartilha que uma professora do 1º ano do fundamental levou

lanches caros e comeu na frente de crianças que eram carentes como ela e escutou a professora dizer que eles não mereciam comer aquele lanche. Além disso, Ana relata:

“Lembro que um professor proibiu que apresentássemos um trabalho avaliativo por conta de um atraso não muito significante, sendo que a maioria dos alunos trabalhavam, dependiam de ônibus ou até mesmo moravam e/ou trabalhavam longe. Faltava empatia e motivação”. (Professora Ana)

Logo após compartilhar essas memórias, Ana diz algo marcante: “tento sempre fazer o que não fizeram por mim: ter empatia e respeitar a história de cada um”. Dessa forma, quando as professoras compartilham os traumas e a exclusão sofrida quando eram estudantes, evidencia-se que tais memórias mobilizam a motivação e as escolhas que fazem hoje enquanto

professoras. Lisa conta que uma vez sua professora do 6º ano falou que ela não seria capaz de fazer a redação que havia escrito e assim, Lisa teve que pedir para a mãe dela testemunhar e depois de argumentar conseguiu ter sua nota alterada, mas não como ela merecia. O mesmo aconteceu quando Lisa estava na faculdade e essas marcas de questionar e desacreditar ficaram registradas. Por conta disso, Lisa se empenha em fazer o oposto com seus alunos, sempre acreditando no potencial de cada estudante.

De acordo com Santos (2024, p. 68), os professores podem representar “objetos de desejo e sentimentos amorosos dos estudantes, podem despertar nesse outro o desejo de aprender ou mesmo de seguir sua profissão.” Identificamos nas narrativas ideias que vão ao encontro do que o autor pontua: Éder, conta que: “A memória mais significativa se origina do afeto às professoras que tive, lembro delas com muito carinho”; Abaporu que diz: “A professora de matemática me marcou com sua postura e até hoje tento agir e ensinar com a mesma postura que ela tinha, marcou a minha infância”; e a professora Lisa que compartilha: “Quando passei a ser professora, sempre busquei ser a melhor para meu aluno, por uma questão de compromisso, profissionalismo e gratidão. Tenho uma dívida simbólica com os professores”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos escritos dos professores exemplificados nas narrativas apresentadas e da escrita de si mesmos, é possível inferir que os sujeitos compareceram à construção de suas memórias educativas, conscientemente e/ou inconscientemente. De acordo com Voltolini (2011, p. 31 e 32), o professor não escolhe sua profissão por acaso, essa escolha carrega motivações conscientes assim como manifestações inconscientes. As memórias provocaram reflexões acerca da complexidade envolvida nos caminhos que o professor e estudante vivenciam a partir do contato com o Outro da linguagem. A subjetividade do professor pode se constituir a partir de sentimentos mistos, como o afeto e carinho ou a exclusão que marcam o sujeito-professor. As memórias promovem um (re)olhar nas suas trajetórias, levando-os a um maior entendimento sobre a posição que ocupam.

Utilizar a memória educativa nos cursos de formação continuada de professores pode ser um dispositivo relevante, pois ao escrever sobre si os sujeitos transformam o seu passado em experiência formadora do Eu. Ao revisitar as experiências escolares, percebe-se que não são

métodos e técnicas que vão resolver os desafios da educação, mas sim a forma como lidamos com as marcas subjetivas que enlaçam o nosso fazer pedagógico. A partir de uma compreensão maior da sua constituição subjetiva enquanto professor, o docente em formação ou atuante na profissão enxerga o seu compromisso e o desejo de educar, reconectando consigo mesmo e se apropriando do seu papel.

Portanto, revisituar a Memória Educativa pode ser um dispositivo potente de formação docente justamente pelo mesmo ter a chance de voltar-se para dentro de si mesmo. Afinal, trabalhar com as memórias é uma aposta teórico-prática de “desencadear um processo no qual o professor pudesse fazer as pazes com a criança que está dentro dele” (Almeida, 2001, p. 144). Outrossim, “a memória educativa pode facilitar o processo de reconciliação com a criança dentro de cada sujeito envolvido nas pesquisas e resgatar sua capacidade de criar” (Bittencourt *et al.*, 2021, p. 20).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Inês Maria Marques Zanforlin Pires de. **Re-significação do papel da Psicologia da Educação na formação continuada de professores de ciências e matemática.** 2001. 195



f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2001.

ALMEIDA, Inês Maria Marques Zanforlin Pires de (org.). O lugar da memória educativa na formação de professores: uma leitura psicanalítica. Curitiba: CRV, 2012.

ALMEIDA, Inês Maria Marques Zanforlin Pires de; BAREICHA, Paulo Sérgio de Andrade; SQUARISI, Katilen Machado Vicente. Memória Educativa: o sujeito nas narrativas e no sociopsicodrama. In: NUNES, Christiane Gislaine Ferreira; PENSO, Maria Aparecida; SILVA, Paulo Henrique I. (orgs.). **Diálogos em Sociologia Clínica:** dilemas contemporâneos. Brasília: Editora IFB, 2018. p. 218-232.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BITTENCOURT, Cleonice Pereira do Nascimento *et al.* Memória Educativa como dispositivo de pesquisa: tecendo laços na Universidade. **Educação**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 1–24, 2021.

BORGES, Maria José Gontijo. **Laço Social na relação professor e educando autista:** uma leitura possível na interface psicanálise-educação. São Paulo: Dialética, 2023.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano:** entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência (1912). In: FREUD, Sigmund. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913).** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 100-110. (Obras Completas, v. 10).

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável (1937). In: FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros textos (1937-1939).** Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 239-287. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 23).

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia (1926). In: FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929).** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 13-118. (Obras Completas, v. 17).

KEHL, Maria Rita. Minha vida daria um romance. In: BARTUCCI, Giovanna (org.). **Psicanálise, literatura e estéticas da subjetivação.** Rio de Janeiro: Imago, 2001.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. **Figuras do infantil:** a psicanálise na vida cotidiana com as crianças. Petrópolis: Vozes, 2010.

LARA, Caren Castelar Queiroz; OLIVEIRA, Frizete de; BORGES, Maria José Gontijo. A pesquisa em educação a partir de estudos no campo psicanalítico: e, afinal, Psicanálise é



ciência. In: SANTOS, Adail Silva Pereira dos; SANTOS, Silvano Messias dos (orgs.). **Entre-linhas Psicanálise e Educação: inscrições e escritas de professores**. Curitiba: CRV, 2024. p. 71-83.

LAZZARINI, Eliana Rigotto. Borges, a escrita criativa e o estatuto do leitor em psicanálise. **Polifonia**, Cuiabá, v. 18, n. 24, p. 43-52, 2011.

MAESSO, Márcia Cristina; LAZZARINI, Eliana Rigotto; CHATELARD, Daniela Scheinkman. Psicanálise e Universidade: encontros e desencontros na pesquisa, ensino e extensão. In: ANTLOGA, Carla et al. **Psicologia clínica e cultura contemporânea**. Brasília: Technopolitik, 2019. p. 113-130.

SANTOS, Silvano Messias dos. Das memórias educativas: reminiscências infantis e ecos do passado escolar na constituição da subjetividade docente. In: SANTOS, Adail Silva Pereira dos; SANTOS, Silvano Messias dos (orgs.). **Entre-linhas Psicanálise e Educação: inscrições e escritas de professores**. Curitiba: CRV, 2024. p. 53-70.

VOLTOLINI, Rinaldo. **Educação e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.